

PSICOSSOMÁTICA E GRAÇA: UM CHAMADO À REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO SAÚDE E ESPIRITUALIDADE*

— Neilson Xavier de Brito

RESUMO:

A religião não cabe apenas nos colóquios acadêmicos, nos quais a relação ciência e religião são discutidas, muitas vezes, como uma experiência distante do cotidiano da vida humana. Compreender o *Homo religiosus* e o seu *modus vivendi* é um desafio para os nossos dias. Há de se reconhecer na religião uma importante instância de re - significação e ordenação da vida, de seus reveses e sofrimento. Apesar da religião ser um objeto de investigação dos mais complexos, e a relação saúde física e religião ser estudada de forma sistemática desde o início do século XX, pesquisas médicas apontam cada vez mais para a relevância da espiritualidade nos momentos mais cruciais da existência humana, no qual o luto, a incapacitação, as doenças graves ou morte, batem à porta de uma história de vida. Por isso, o fenômeno religião tem sua interdisciplinaridade com a teologia, psicopatologia, psicologia, psicanálise, antropologia e sociologia da religião. Mesmo sendo paradoxal e ambígua em sua influência, provavelmente é a instituição mais antiga e duradoura na história humana e presente nas mais diversas culturas. Na concepção do psiquiatra Lotufo Neto, “as crenças religiosas podem gerar paz, autoconfiança e sensação de propósito na vida, ou o oposto: culpa, depressão e dúvidas”. Daí, na tentativa de atender um chamado à reflexão entre saúde (física, emocional e mental) e espiritualidade, objetiva-se, então, aprofundar o conhecimento sobre psicossomática, onde o corpo humano é visto de modo objetivo e subjetivo, numa unidade composta e considerada à sua corporeidade – teia das relações que marcam o corpo físico consigo mesmo e o mundo exterior. A partir do entrelaçamento observado na psicossomática, buscar na teologia da graça – “melhor presente do cristianismo ao mundo”, o recurso fundante na práxis do cuidado das doenças psicossomáticas e na sua relação com a espiritualidade.

Palavras chave: Saúde. Psicossomática. Espiritualidade. Graça.

PSYCHOSOMATICS AND GRACE: A CALL TO REFLECTION ON THE RELATION BETWEEN HEALTH AND SPIRITUALITY

ABSTRACT

Religion does not belong only in academic colloquies, in which the relation between Science and

* El presente trabajo fue presentado en el IX Congreso Latinoamericano de Ciencia y Religión (Puebla, 8-10 de febrero de 2017).

Religion is often discussed as an experience far from human daily life. Understanding *Homo religious* and its *modus vivendi* is a challenge in our days. One must recognize in religion an important instance of resignification and order of life, of its setbacks and suffering". Although religion is a most complex object of investigation, and the relationship between physical health and religion being systematically studied since the beginning of the twentieth century, medical research increasingly point to the relevance of spirituality in the most crucial moments of existence, when mourning, incapacitation, serious illness or death knock on the door of a life story. Therefore, the Religion phenomenon has its interdisciplinarity with theology, psychopathology, psychology, psychoanalysis, anthropology and sociology of religion. Although paradoxical and ambiguous in its influence, it is probably the oldest and most enduring institution in human history, present in the most diverse cultures. In the conception of psychiatrist Lotufo Neto, "religious beliefs can generate peace, self-confidence and a sense of purpose in life - or the opposite: guilt, depression and doubts". Hence, in an attempt to respond to a call for reflection between health (physical, emotional and mental) and spirituality, the objective is to deepen knowledge about Psychosomatics, where the human body is viewed objectively and subjectively in a compound unit and considered to its corporeity - a web of relationships that mark the physical body with itself and the outside world. From the intertwining observed in Psychosomatics, to seek in the theology of Grace - "the best gift of Christianity to the world" - the founding resource in the praxis of psychosomatic diseases treatment and in its relationship with spirituality.

Key Words: Health. Psychosomatics. Spirituality. Grace.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Descolar a teologia dos púlpitos das comunidades de fé e do ambiente estritamente acadêmico tem sido um desafio na sociedade contemporânea. Trazer a teologia para a práxis cotidiana, principalmente trazê-la à existência na vida humana, é dar-lhe o significado na vida, quase sempre repleta de ambivalências. É também, trazer em sua interdisciplinaridade, a relação do *homo religiosus* com o seu *modus vivendi*. Para von Sinner (2012), é uma teologia da vida, que ligada ao Deus da vida, busca contribuir para que na sociedade haja condições de dignidade de vida para todos e todas. Isto faz com que a teologia se compreenda como espaço próprio, não apenas na igreja, mas o mundo de todos e de todas, em sua realidade antropológica e social. Nessa busca de se inserir no contexto da sociedade, a teologia começa a ter como ponto de

partida, não os dogmas oficiais ou modelos confessionais, mas a experiência humana concreta, que traz para realidade uma dimensão religiosa em toda a sua autenticidade. Higuier (2006, 41). Reblin (2008, 87-8) em artigo sobre a Teologia do Cotidiano, onde considera o cotidiano sendo o "palco onde se desenrola a vida humana em suas minúcias e em sua integralidade", afirma que:

Em todo caso, há de se considerar que o tempo passa, o mundo se transforma e que se torna cada vez mais urgente que a teologia pense além do gueto que se está habituada a viver, [...] e interaja com o mundo e a sociedade (e seus medos, seus conflitos, suas esperanças) que ela vê através da janela de seus templos. A teologia não é apenas ciência eclesiás-

tica. Ela não se restringe a esta. Falar em teologia não é repetir dogmas, nem apenas pensa-los, enquanto que a vida acontece. Falar em teologia é principalmente, em primeiro lugar, mergulhar dentro de cada indivíduo, em sua história pessoal, em seus encontros e desencontros das ambiguidades da vida. Falar em teologia é dizer acerca das coisas divinas, das coisas sagradas, das coisas melhores, dos relacionamentos entre as pessoas e o mundo que as cercam, da natureza, da fé, das motivações humanas. Falar em teologia é falar daquilo que faz as pessoas aguentarem firmes diante da morte e aguentarem firmes durante a vida, é falar de situações de desespero, de angústias e também é falar dos sinais de esperança. Isso significa, que de uma forma ou de outra, a teologia sempre está presente.

Tomando como referência o texto de Reblin é possível considerar que a teologia pode ser comparada a uma roupa usada no dia-a-dia e não apenas em ocasiões solenes. Teologia se vive e se faz no processo do cotidiano da vida. Entretanto, há de se considerar que a teologia mesmo partindo da simplicidade de um conceito, em que se afirma ser a teologia a tarefa de “discursar sobre Deus, mais ou menos da mesma forma que a “biologia” é discursar sobre a vida (do grego: *bios*)” (McGrath 2005, 177), o significado do conceito de teologia tem sofrido modificações. Até mesmo definições a exemplo de John Macquarrie, da Oxford, que afirma que “a teologia pode ser definida como o estudo que, por meio da participação e da reflexão de uma crença

religiosa, busca expressar o conteúdo dessa fé por meio de uma linguagem mais clara e mais coerente possível”, são limitadas (Ibid., 176). Tal conceito entraria em conflito, por exemplo, com a teologia da morte de Deus / ateologia, ou a palavra masculina grega *theos* (deus), contrapondo com *thea* (deusa). Por isso, os editores na língua portuguesa da obra Teologia Contemporânea de Ed L. Miller e Stanley J. Grenz afirma que “há quem diga que “teologia se faz a lápis”. Nesse sentido, ao contrário da Palavra de Deus, a teologia pode mudar, se transformar, adequar-se a uma época, ou até mesmo corrigir suas hipóteses, tanto pela descoberta de novas fontes de pesquisa ou estudos mais aprofundados”. (Miller e Grenz 2011, 9) Entretanto, a teologia, a exemplo de outras ciências, tais como a filosofia, psicologia, antropologia, história, entre outras, tem interesse na religião, enquanto objeto de estudo. Apesar das diversidades das religiões, elas trazem em si um elemento comum, que é a sua relação com o sagrado, “entendido enquanto santo, separado, aquilo que é diferente do curso habitual das coisas. A relação com o sagrado acontece por fé e tem como objeto Deus ou, em termos amplos, o que se entende por divino”. (Roos 2008, 859-0)

Dalgalarrondo (2008) testifica da complexidade da religião como objeto de investigação, mas declara a sua importância como instância de significação e ordenação da vida em processos de adversidades. Segundo Stanley (2008), a mentalidade pós-moderna marcada por um pessimismo corrosivo, onde já não se tem a crença de que estamos melhorando a cada dia, o excesso

de individualismo e a desconstrução de verdades absolutas, mesmo assim, Bauman (1998,206), em sua análise sobre a religião na pós-modernidade pergunta: “o mundo em que habitamos é mais religioso do que costumava ser? Ou menos? Testemunhamos um declínio, uma redistribuição ou renascimento da religiosidade? ”

Em resposta às indagações de Bauman, é possível observar, a partir do texto do próprio sociólogo, que o avanço da religiosidade na pós-modernidade, mesmo que a autossuficiência tenha minado a relação com a religião institucionalizada, está relacionado com limites impostos pela própria humanização. Por isso Bauman, citando Kolakowski, afirma que “a religião, na verdade, é a consciência da insuficiência humana; é vivida na admissão da fraqueza”. (Ibid. 209) Aqui, recorro a Teixeira (1998,77), quando afirma que “não se pode ser religioso driblando o caminho do humano”.

Barchifontaine (2007) juntamente com as filosofias, a ética, a moral e as ideologias, aponta as religiões como o caminho na busca do sentido de vida e na vida, a que denomina de espiritualidade. Sobre isso, Dorst (2015, 12-3) numa introdução à obra de C.G. Jung, Espiritualidade e Transcendência, afirma que a espiritualidade “abarca as religiões e independente das tradições, remetendo, desse modo, às dimensões profundas da experiência que não são mais perceptíveis em muitas formas de religião”. Aliás, muitas religiões tradicionais não conseguem mais oferecer respostas às necessidades humanas. Entre-

tanto, evoco aqui uma pergunta junguiana sobre a imagem do ser humano, enquanto relação com o sagrado: “A pergunta decisiva para o ser humano é esta: tens o infinito como referência? Este é o critério de sua vida? [...] Quando alguém entende e sente que está conectado ao ilimitado já nesta vida, modificam-se seus desejos e sua atitude”. (Jung 2015,21)

Resolvi então, percorrer o caminho da relação teologia – religião (religiosidade) – espiritualidade, pois, para se fazer uma reflexão sobre a relação saúde e espiritualidade a partir da psicossomática e do seu cuidado, e tendo como elemento fundante de sua *práxis*, a teologia da graça, se impõe tal necessidade. A relação corpo e espírito é complexa e ainda há muito o que se investigar, pois “o sofrimento físico nem sempre tem como causa única uma desordem fisiológica. Ele às vezes tem sua origem em um sofrimento mais interior que é sua causa secreta e desconhecida”. (Lavoie 2000, 11) A doença impõe limites à possibilidade da própria existência humana, e para muitos, significa um lembrete à finitude: *memento mori* (lembre-se que terá que morrer). A doença ainda faz com que a pessoa mude a valoração do que é importante e do que não é importante diante do impasse que traz o adoecimento do corpo. A relevância da questão, é que esse adoecimento poderá ser reflexo do “grito do corpo” com causas psicossomáticas, e segundo Dumas (2000), essas doenças são explicadas não apenas através de fatores psíquicos, mas, também, por fatores psicoespirituais. Nesse caso, “nosso corpo dedica-se assim a fazer-se ouvir por nós”. (Fernet 2000,129)

Considerando então, o exposto até o momento, procuro apresentar neste artigo uma exposição mais prática da espiritualidade na relação com a teologia e a religião; estimular o aprofundamento da temática sobre a psicossomática em sua relação físi-

ca, emocional e espiritual, além de sugerir uma pastoral do cuidado a partir da graça divina na compreensão cristã, entretanto, sem nenhuma proposta de recrutar prosélitos.

OLHANDO ALÉM DAS JANELAS DO TEMPLO

Olhar para fora é um desafio permanente da teologia. O mundo parece não admitir posicionamentos hermeticamente fechados. A teologia pode ser dialogal, sem ter que abrir mão dos axiomas que julguem imprescindíveis. A base de uma teologia fechada poderá gerar uma religião obtusa e uma espiritualidade míope.

Houaiss (2004) define teologia como ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo. Mas, na visão de Kivitz (2012, 38):

Houaiss define teologia numa alusão ao Deus da tradição judaico-cristã, pois no contexto da cultura ocidental, a utilização de maiúscula para a palavra “deus” implica designação específica do Deus judaico-cristão, ou meramente cristão. Devemos ter consciência, portanto, de que, etimologicamente, “teologia” trata do estudo a respeito não apenas de Deus conforme compreendido e crido na tradição judaico-cristã, como também, e principalmente, de deuses ou do que se relaciona com o divino em termos genéricos. Isso justifica

a necessidade de distinção entre “teologia” e “teologia cristã”.

Na concepção da distinção entre as várias teologias, creio, começa o olhar da teologia além das janelas do templo. Significa compreender que existe “o outro”. Outro olhar; outra crença; outra forma de conceber teologia e crenças além da minha. Numa referência à Teologia das Religiões, Teixeira (2008, 969) reconhece que a tarefa dessa teologia é “interrogar-se sobre o significado do pluralismo religioso no plano de Deus”, trazendo uma nova percepção da comunidade global. Pensar teologia não significa necessariamente abrir mão das crenças e valores ou da confessionalidade, mas, diante da indagação “se o ser humano é um ser incuravelmente religioso?” e da constatação, segundo Ferreira e Myatt (2007), de que o mundo pós-moderno é caracterizado por uma tendência ao irracionalismo e misticismo, estabelecer uma cosmovisão que considere esses fatos. Compreendo que teologia é basilar na leitura que faz do mundo religioso. Mas, é necessário alargar as fronteiras do pensamento teológico; olhar além das janelas do templo, até mesmo, para avaliar a crença

dos/nos elementos fundantes dessa teologia.

Recentemente, a Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), em seu Simpósio Anual, realizado de 12 a 15 de dezembro de 2016, nas Faculdades EST, em São Leopoldo – RS, Brasil (est.edu.br), elaborou através de seus participantes, uma proposta de manifesto por uma Educação Teológica Inclusiva, o que sem dúvida significa também uma abertura teológica, esclarecendo que:

Entendemos que é preciso desconfiar de toda *ausência*, cuja origem seja barreira socialmente imposta às pessoas com deficiência. Perguntamos pela pessoa com deficiência como um lugar teológico. Entendemos a inclusão como um princípio que nos leva a indagar, cotidianamente, pela graça que alcança e está ao alcance de todas as pessoas, tal qual se fez nos caminhos percorridos pelo Cristo. Como pessoas cristãs, há que afirmar, coerentemente, que o evangelho de Jesus Cristo é para todas as pessoas. Pelo compromisso com o acesso de todas as pessoas ao Cristo que é “caminho, a verdade e a vida” (João 14.6), preferimos a inclusão à exclusão; o reconhecimento recíproco à dicotomia; a graça à lei. Não um estado de graça nivelador, mas sim, a graça como abertura gratuita a outra pessoa, sem discriminação de qualquer espécie. Recordamos um pensamento de Jürgen Moltmann, que escreveu: “o certo é que Deus ama toda vida humana. Por isso, não há na realidade nenhuma vida ‘re-

duzida’ ou ‘menos-válida’. Cada vida é, a sua maneira, vida divina, e como tal devemos reconhecê-la e respeitá-la”. Desafiados pelas pessoas com deficiência e sua presença questionadora entre nós e na vida de nossas igrejas, renovamos nosso compromisso, não apenas por exigência legal, mas pela voz profética que nos cabe no anúncio da graça universal de Cristo, que deve chegar a todas as pessoas, independentemente de suas diferenças. “Deus não faz acepção de pessoas”, é o que ouvimos nos Atos dos Apóstolos (10.34). Há que perguntar, hoje e sempre, como as instituições de educação teológica podem ser protagonistas nos processos de construção da sociedade inclusiva, voltando-nos para a tradição profética de anúncio e denúncia. Anúncio do caminho acessível construído pelos caminhantes em suas diferentes trilhas. Denúncia da ilusória perfectibilidade humana. [...] Frente ao preconceito e ao medo que ainda fundamentam o rechaço social e eclesial em relação às pessoas com deficiência, entendemos que o evangelho nos conduz a uma nova realidade, um movimento cheio de Graça – a promoção da convivência por meio dos *encontros*. Vimos, portanto, impactados pelo desafio constante da *conversão do olhar*, que somente é possível na convivência com as diferenças e os diferentes. Como, entretanto, conviver sem acessibilidade? A espiritualidade cristã tem uma tarefa crítico-profética nos termos de uma antropologia teológica que construa e não diminua o ser humano em função de suas deficiências. Tanto as igrejas

quanto a educação teológica devem rever seus conceitos e ações no sentido da inclusão das pessoas com deficiência – seja como lugar teológico (a experiência de Deus na perspectiva das pessoas com deficiência) ou em suas práticas pastorais (com a implantação da acessibilidade nos espaços eclesiais). A construção da **Educação Teológica Inclusiva** nos remete, portanto, a um desafio interno (eclesial) e externo (atuação profética na sociedade).

Por isso, mas uma vez reiteramos a necessidade de trazer a teologia para a prática da vida, e nesse encontro com a vida, inevitavelmente, ela irá se deparar com a religião e a espiritualidade. Compreendo aqui, ser interessante a distinção entre religião e espiritualidade apresentada por Oliveira (2001,72)

Religião: Produto de um determinado tempo e local; destinado a um grupo; concentra-se mais no caminho para o objetivo; códigos de conduta; um sistema de pensamento; um conjunto de crenças, rituais e cerimônias destinado a ajudar no progresso ao longo do caminho; instituições e organizações; uma comunidade para compartilhar os fardos e as alegrias da vida; um modo de vida. **Espiritualidade:** O objetivo, mais do que o caminho; destinada ao indivíduo; uma jornada pessoal, particular; contém elementos comuns a todas as religiões (amor, crença, regras básicas e assim por diante)...

Sobre a religião, Lotufo Neto et al. (2003,

12-3), mesmo considerando a paradoxal o fenômeno religioso, considera que a “experiência religiosa é única, diferente das vivências do dia a dia, afeta as percepções centrais sobre si próprio e sobre a vida, pode mudar as noções sobre quem você é e o sentido ou significado de sua vida”. Ainda o autor, evoca Oscar Pfister (1948) que achava ser função da religião, o alívio da culpa, que pode ser viés para muitas doenças psicossomáticas. Corroboro com o pensamento de Pfister, a partir da vivência em clínica pastoral, que a experiência religiosa tem sido libertadora para muitos cativos da culpa. Em contrapartida, também observei que a religião mal orientada ou experienciada, pode ser fator de opressão. Neste ponto, evoco Jung (2012 19 – 1) quando esclarece que ao se referir a religião “não tem em mente a uma determinada profissão de fé ou efeito causado por um ato arbitrário, mas por uma atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso”.

Nesse sentido, a espiritualidade reflete uma busca mais intensa desse caminho. Deriva-se da consciência interior, para além dos sistemas de crenças. Religião é a forma e espiritualidade é fonte por trás da forma, conforme Guillory. (2000) É humanização. Para Jung citando Bucher (2015,11), “é sentir-se unido a uma totalidade maior, bem como transcender do ego e do individualismo”. Por isso o combate a uma psicologia desalmada. Jung (2015,28) reconhece ainda, que “psicoterapia e medicina não podem reduzir o ser humano nem somaticamente, nem psiquicamente. Elas precisam aceita-lo e trata-lo como unidade

de corpo, espírito e alma dotada de anseio e da capacidade de transcendência". E aqui adentramos no campo da psicossomática.

A PSICOSSOMÁTICA: QUANDO O CORPO FALA AO ESPÍRITO

A sensação de que o futuro não é mais um "por vir", pois o homem anteriormente parece ter alimentado sempre uma ideia fundamentada na esperança de que o mundo iria melhorar, é perceptível que frustração em relação ao futuro, tem sido danosa para o senso da plenitude humana. De Masi (2014 16- 7), diante da indagação "o que eu estou fazendo aqui?" constata a inquietude do mundo, a sua frustração diante de um progresso sem felicidade, a oscilação entre a desorientação e o medo, o distanciamento de valores altruístas como igualdade, equidade, liberdade, solidariedade e a crise na análise e interpretação da realidade. Isto se adequa perfeitamente a uma expressão utilizada no nordeste brasileiro: "o mundo está troncho" isto é, está torto, fora de compasso, perdeu sua beleza estética. Relembro aqui, o pensamento de Suassuna (1975) que se refere à Estética como Filosofia da Beleza, que considera o belo, mas, a exemplo dos pós-kantianos, considera também o amargor, a aspereza, o luxo, o contraditório, o romântico, o trágico, o cômico, e tudo isso, a partir de uma harmonia e serenidade de fluidez, numa busca de equilíbrio entre a beleza e a ética. Talvez encontremos em Bauman (2007,15) a resposta para esse tipo de comportamento, quando se refere à intolerância da pós-modernidade (sociedade líquida) com as diferenças:

Um dos sintomas mais evidentes da "sociedade líquida" em que vivemos é a intolerância da massa social diante de tudo aquilo que de alguma maneira se considera como desvio de conduta ou que destoia dos padrões vigentes. Todo tipo de comportamento ou modo de ser que supostamente não se coaduna com nossos princípios particulares torna-se digno de nosso mais terrível desprezo, pois no fundo queremos ver estampado no rosto do "outro" um pouco daquilo que nós mesmos somos. Tudo aquilo que se expressa como "diferente" diante de nossos olhos é imputado enfaticamente como "extravagante", merecendo assim a nossa reprovação imediata e o convite ostensivo a adequar-se aos nossos conservadores parâmetros axiológicos.

Se juntarmos aos sentimentos de intolerância da massa social nesta sociedade líquida, a uma cultura de mídia, que segundo Kellner (2001, 9) ajudam a "urdir o tecido da vida cotidiana [...] fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade" sob a pressão de uma mídia, nem sempre positiva, estabelecendo o que é bom e o que é mal, positivo e negativo, moral e imoral". Isso ainda nos remete ao pensamento de Marx em *Manuscritos econômico-filosóficos* de 1844, citado por Vázquez (1968, 5) que conclui que "o homem cria beleza de acordo com as leis da

beleza". Então surge uma pergunta: quem ou o que determina o padrão/modelo de beleza? Para Marx, o estético não pode estar dissociado da prática humana, do verdadeiro humanismo – com a transformação radical do homem em todos os seus planos. O estético, como filosofia de *práxis*, e isto exige um aprofundamento da reflexão sobre estética, deveria atuar como agente social. (Ibid., 10-1). Diante destes teóricos, não creio ser devaneio de percepção considerar que até mesmo questões ligadas à estética contribuem para o adoecimento da sociedade, reforçando a tese de saúde/doença não são necessariamente questões ligadas a fisiologia humana. Sobre essa inquietude provocada por pressupostos estéticos, Drummond de Andrade (2015,11) em poema sobre o Corpo "*As contradições do corpo*" verseja dizendo: " O meu corpo não é meu, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me, e é de tal modo sagaz, que a mim de mim, ele oculta". E ainda em *Canções de Alinhavo* afirma: "O problema não é inventar. É ser inventada hora após hora, e nunca fica pronta, a NOSSA edição convincente" . (Ibid., 62). O texto demonstra o sofrimento de alguém que não consegue alcançar um padrão pré-estabelecido para o corpo. Por ele? Talvez não.

Retomando o pensamento de Domenico De Masi (2014,19) em que considera o tempo futuro como tempo presente, ele questiona sobre os novos modelos de vida diante de problemas que a sociedade sempre enfrentou:

Em qualquer época da história, em qualquer recanto do mundo, os seres

humanos tiveram que enfrentar perenes desafios que a natureza parece gostar de apontar para eles: como vencer a dor, as doenças e morte? Como derrotar a miséria e a exaustão? Como eliminar a ignorância, o tédio, solidão? Como nos livrar dos grilhões da tradição e da violência do autoritarismo? Como amenizar a tosca grosseria e embelezar a feiura?

Acrescentaria mais uma pergunta aos questionamentos do De Masi: Como resolver as questões que envolvem a dor da alma? "Dor da alma" é uma expressão usada para interpretar algo que sentimos, mas que muitas vezes não sabemos explicar. A psicossomática persegue esse caminho.

Segundo Lobato, (2010, 235) em seu artigo sobre "*O problema da dor*" afirma que "a dor e o medo são provavelmente os mais primitivos sentimentos do homem, diante dos quais, ao contrário do que ocorria com o frio e a fome, ele ficava totalmente impotente". A doença costuma acarretar dor, seja física ou emocional, e medo. Para Jung, (2015,26) mencionado por Dorst, a doença impõe limite e impede o planejamento da vida. Já em 1995 a OMS (Organização Mundial de Saúde) apontava para uma qualidade de vida multidimensional, pelo menos a partir de quatro categorias: física, psíquica, emocional e espiritual (Ibid., 25) A doença poderá desestabilizar as quatro categorias. Garros e Rodrigues (2014,71) apontam em artigo fundamentado na capelania hospitalar, que a doença ainda poderá gerar sentimento de culpa durante o ciclo da enfermidade ou duran-

te o processo de hospitalização: “Fatores como despersonalização, ruptura de relacionamentos, improdutividade laboral, comprometimento financeiro da família, autojulgamento, dentre outros, podem gerar no paciente uma atitude de culpar-se a si mesmo ou culpabilizar outros pela sua situação”. A experiência da capelania hospitalar reforçará o conceito de que a doença não é apenas uma situação fisiológica adversa, ou simplesmente a quebra da homeostase do organismo. Grün e Dufner (2008,45) numa referência a Heródico de Selimbria (século V a.C.) celebrado como o fundador do ensinamento da vida saudável, afirma que: “a saúde se desenvolve quando o corpo corresponde ao modo de vida; já as doenças, quando ele age contra a sua natureza”. Num conceito primário então, a psicossomática traz à discussão e a pesquisa, que saúde/doença não se trata apenas de uma questão física ou clínica, o que não significa assumir uma relação excludente com a ciência médica, mas que saúde/doença tem uma dimensão mais ampla. Por isso, a doença pode ser vista como símbolo, “através do qual a nossa alma se expressa”. (Ibid., 20) Portanto, para melhor compreensão,

A psicossomática muitas vezes enfatiza que os distúrbios do corpo não são coincidência e meramente exteriores, mas refletem a verdadeira condição da pessoa, seus desejos, e necessidades inconscientes e suas repressões e suplantações. Muitas vezes o corpo sinaliza o que, na realidade, a alma deseja, mas não admite e, conseqüentemente, suplanta. Por

isso é bom ouvir o seu próprio corpo para conhecer-se melhor. (Ibid. 19)

Ainda, numa referência a Jung, sobre a necessidade de interpretar a doença, alguns questionamentos são feitos: “Qual o objetivo da minha doença? O que ela pretende me dizer? O que eu deveria mudar?” (Ibid., 9) Na realidade, o que se busca evidenciar é que existe uma relação entre o corpo e o “eu”, e que eles estão correlacionados onde o psiquismo está presente. Freud, sobre os elementos construtores do ego, afirmava que “o ego é antes de tudo, um ego corporal”. (1987, 238), e isto é significativo, uma vez que é possível considerar o corpo como a base/centro teórico de Freud. A questão do corpo é de tamanha importância para Freud, que nomeia a fragilidade de nosso corpo como fonte de sofrimento. (2011). Sobre essa questão, Rocco afirma que em clínica médica “se tentarmos tratar da doença ignorando o doente, veremos que os resultados não serão satisfatórios”. (Rocco 2010,59)

Creio ser interessante a leitura do *Poema da psicossomática – Inimigos ocultos: um verdadeiro poema às doenças*, (Santini 2012) como uma espécie de despertar para a temática:

Sofre de reumatismo: Quem percorre os caminhos tortuosos,/ Quem se destina aos escombros da tristeza,/ Quem vive tropeçando no egoísmo. / Sofre de artrite: /Quem jamais abre mão, / Quem sempre aponta os defeitos dos outros, /Quem nunca oferece uma rosa. /Sofre de bursite: /Quem

não oferece seu ombro amigo, / Quem retesa, permanentemente, os músculos, Quem cuida, excessivamente, das questões alheias. / Sofre da coluna: / Quem nunca se curva diante da vida, / Quem carrega o mundo nas costas, / Quem não anda na retidão. / Sofre dos rins: / Quem tem medo de enfrentar os problemas, / Quem não filtra seus ideais, / Quem não separa o joio do trigo. Sofre de gastrite: / Quem vive de paixões avassaladoras, / Quem costuma agir na emoção, / Quem reage somente com impulsos, / Quem sempre chora o leite derramado. / Sofre de prisão de ventre: Quem aprisiona seus sentidos, / Quem detém suas mágoas, / Quem endurece em demasia. / Sofre dos pulmões: Quem se intoxica de raiva e ódio, / Quem sufoca, permanentemente, os outros, Quem não respira aliviado pelo dever cumprido, / Quem não muda de ares, / Quem não expele os maus fluidos. / Sofre do coração: / Quem guarda ressentimentos, / Quem vive do passado, / Quem não segue as batidas do tempo, / Quem não se ama e, portanto, / não tem coração para amar ninguém. Sofre da garganta: Quem fala mal dos outros, / Quem vocifera, Quem não solta o verbo, Quem repudia, / Quem omite, / Quem usa sua espada afiada para ferir outrem, / Quem subjuga, Quem reclama o tempo todo, / Quem não fala com Deus. / Sofre do ouvido: / Quem prejulga os atos dos outros, / Quem não se escuta, / Quem costuma escutar a conversa dos outros, / Quem ensurdece ao chamado divino. / Sofre dos olhos: Quem não se

enxerga, / Quem distorce os fatos, Quem não amplia sua visão, / Quem vê tudo empalme e sentido, Quem não quer ver. Sofre de distúrbios da mente: Quem mente para si mesmo, / Quem não tem o mínimo de lucidez, Quem preza a inconsciência, / Quem menospreza a intuição, / Quem não vigia seus pensamentos, Quem embota seu canal com a Criação, / Quem não se volta para o Universo, / Quem vive no mundo da lua, / Quem não pensa na vida, / Quem vive sonhando, / Quem se ilude, / Quem alimenta a ilusão dos outros, / Quem mascara a realidade, / Quem não areja a cabeça, / Quem tem cabeça de vento.

Ainda sobre a psicossomática, (Dorsch 2009, 788) define psicossomática e medicina psicossomática - *psyche* (mente, alma) *soma* (corpo), como “ciência das doenças do ponto de vista da psicologia médica, que atribui aos processos psíquicos importância decisiva na origem das doenças”. Morin (2000) em artigo sobre *Psicossomática e espiritualidade* afirma que as perturbações orgânicas e funcionais são explicáveis através de fatores psíquicos e psicoespirituais. Suas manifestações somáticas funcionam como vias de comunicação do inconsciente e das pulsões. Essas manifestações, e aqui numa referência a Freud, podem ser interpretadas como feridas do ego, encontrando sua expressão nas doenças orgânicas, onde um sofrimento é substituído por outro. No âmbito da pesquisa sobre psicossomática, a obra de Blumenfeld e Tiamson-Kassab (2010), *Medicina Psicossomática* é relevante, pois compreende a importância da

psicossomática para a psiquiatria e medicina moderna, que desafia cada vez mais o equilíbrio psicológico dos pacientes. É na busca desse equilíbrio, e por conta da inter-

pretação da doença orgânica como punição, que o espaço para o cuidado através da espiritualidade é aberto com base na teologia da graça.

ROMPENDO COM O GRITO DO SILÊNCIO

Muitas pessoas enfrentam suas mazelas pessoais, conflitos e reveses da história refugiando-se no silêncio. O silêncio como ausência da fala/comunicação ou esconderijo da dor, assume proporções devastadoras para o ser humano. Para Coelho (2010, 157-9), “dor é sempre uma experiência subjetiva e pessoal. Quando esta não pode ser medida pelos exames convencionais, torna-se potencializada pela solidão e o constrangimento de às vezes ser até desacreditado”. Ainda para a autora, “o silêncio é a pior das exclusões, causa medo de separação e abandono”. (Ibid. 170) Convém lembrar, que não se trata apenas de dor física, mesmo reconhecendo que a dor física também é excludente. Mas, Angerami (2012) em artigo “*Sobre a Dor*”, onde destaca que a dor ganhou destaques nas preocupações acadêmicas e científicas, reconhece que as chamadas dores da alma são complexas em sua conceituação, até mesmo pela dificuldade em ser diagnosticada, e carecerem até mesmo de uma epistemologia.

Na literatura bíblica, especialmente nos Salmos, Almeida (1994), encontramos expressões dessa dor da alma, a exemplo do Salmo 32.3-4 “Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido durante o dia todo, [...] e o meu humor se tornou em sequeidão de estio”, e o

Salmo 45. 5 “Porque estás abatida, ó minha alma e por que te perturbas dentro de mim? ” A inquietude da alma humana é claramente registrada nas Escrituras e isto não pode ser negado.

Retomo o pensamento de Coelho (2012, 159) sobre o processo da quebra do silêncio, quando em determinados momentos, “ouvir é tudo que se tem a fazer. A cura pela escuta, o silêncio acompanhado da presença acolhedora do outro, é uma das formas mais simples e poderosas de amenizar o sofrimento humano”. Faz-se necessário então, que alguém use o estetoscópio da alma para auscultar a alma do outro. Usando uma expressão de Sathler-Rosa (2010), a história humana é o palco das ações pastorais, ainda que esse palco seja marcado pelo silêncio. Nessa obra, “*Cuidado pastoral em tempos de insegurança*”, Sathler-Rosa usa uma expressão de Bauman, que em sua análise social compreende que a sociedade vive em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos. A partir dessa visão, o autor reafirma que vivemos um tempo de impermanências, o que afeta diretamente o cuidado com as pessoas. Vivemos ainda uma nova era de desigualdade; um tempo marcado pela exclusão, e nesse processo de exclusão, encontram espaço os que sofrem a dor

marcada pelo silêncio; os que sofrem a auto segregação e a segregação dos/pelos outros por conta de doenças psicossomáticas. Até porque, há os que interpretam as questões psicossomáticas como sinal de fraqueza. E os fracos têm pouco espaço social. Daí a necessidade do cuidado. A psicossomática abre um leque de oportunidades e de referências teóricas para o cuidado.

Nesse artigo, até mesmo pela prática na vida eclesial, compreendo a ação do cuidado, como sendo uma ação pastoral, ou uma pastoral do cuidado para com os que sofrem doenças psicossomáticas. Em artigo *"Pastoral da culpa: cuidando dos cativos da culpa"* Brito (2015), declaro a base de minha opção pelo adjetivo pastoral:

Opta-se pela expressão "pastoral da culpa" por compreender que ela oferece uma visão mais ampla da ação igreja/pastor/conselheiro em relação às necessidades humanas, no caso, aos cativos da culpa. Essa expressão é caracterizada por muitos como sendo uma terminologia católica romana pela relação com o Concílio Vaticano II, segundo o qual "pastoral consiste em se debruçar sobre as aspirações e as angustias dos homens para lhes propor, a partir dela, a mensagem cristã. Ainda sobre a pastoral, Mário Betiato define que "pastoral é uma *práxis* cristã e de fé, para responder aos clamores da realidade do cotidiano da vida, das pessoas e dos contextos vitais das instituições. Ela é a inter-relação do pastor com o rebanho, no espaço e no tempo.

A pastoral do cuidado acontece a partir do aconselhamento, mas evoco aqui, o pensamento de Friesen (2012,19) em *"Cuidando do ser"* quando define aconselhamento na condição de "um ministério paraeclesialístico e parateológico [...] e que não é psicoterapia, nem psicanálise, nem tão pouco a tentativa de resolver problemas apenas através de conselhos." Mckinney citado por Friesen (Ibid.,19) define que aconselhamento "é um relacionamento interpessoal no qual o conselheiro assiste ao indivíduo em sua totalidade no processo de ajustar-se melhor consigo mesmo e com o seu ambiente". Aconselhamento envolve acolhimento, e acolhimento da dor. Entretanto, convém lembrar que o aconselhamento tem seus fundamentos teóricos, não apenas na teologia cristã, mas na sociologia, antropologia, psicologia e outras ciências afins, o que lhe permite uma visão do todo e também dos seus limites. Exige ainda, conhecimento de técnicas e métodos, não devendo haver improvisação.

A ação de cuidar, necessariamente, não precisa ser exclusiva de um conselheiro, mas a própria comunidade poderá também exercer esse cuidado, independente do fator tempo, pois se trata, segundo Clinebell, (2011,25) de uma atividade "ampla e inclusiva de cura, de crescimento mútuo dentro de uma congregação de sua comunidade, durante todo ciclo da vida". Esse exercício de cuidado por parte de uma comunidade é denominado de *poimênica*, e é assim definido por Schneider-Harpprecht (2011,25): *Poimênica* é um ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na

área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja e definimos o aconselhamento, como uma dimensão poimênica que procura ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas.

Particularmente, compreendo a graça como princípio central da teologia que me apropriou no cuidado das pessoas. Por conta de uma herança histórica, muitas pessoas associam às doenças e em especial as de origem psicossomática, ao sentimento de castigo ou punição por parte de um Deus severo. Por isso que alguns tendem a se culpabilizar e a doença se torna uma autopunição. Sem deixar de reconhecer os erros históricos da Igreja Cristã, compartilho do pensamento de Yancey, (2007, 25) que afirma ser a graça “o melhor presente do cristianismo ao mundo”, uma vez que a graça reflete o amor incondicional de Deus pelo homem. Graça é um tema central para a prática da fé cristã. Necessariamente, a práxis cristã deveria ser reflexo dessa graça. Graça é a base para um estilo de vida, mas que lhe atribui apenas poderes salvacionistas. Sobre isso, Munguba (2012,57) faz um comentário que julgo relevante:

Desde muito cedo os cristãos aprendem a definir graça como sendo “favor imerecido de Deus”. Para a maioria, graça é apenas o atributo divino que promove a salvação da alma. Houve, no entanto, uma significativa perda conceitual na história do cristianismo em função do esquecimento de outros significados possíveis ao verbo salvar: curar, restaurar, transformar, criar novos recursos

para a vida ou despertar possibilidades adormecidas na personalidade. Graça é uma expressão decisiva do Novo Testamento, sem a qual não seria possível descrever o caráter radical e abrangente da proposta de Cristo. Sua riqueza de significados levou à criação de um conceito teológico exclusivo ao cristianismo, que acarretou consequências definitivas sobre as dimensões éticas e psicológicas da existência humana.

Neste artigo, não é minha pretensão elaborar um tratado teológico sobre a graça, uma vez que a literatura teológico-acadêmica é expressiva, mas pensar sobre a graça como instrumento de reconstrução de vida, de aceitação e autoaceitação, de perdão e autoperdão, de autocompreensão e da compreensão na perspectiva do outro. É interessante observar na experiência trazida pelas pessoas que sofrem alterações psicossomáticas, os desafios que a vida coloca diante delas não apenas para lidarem consigo mesmas, com a doença e com o entorno. Por isso creio na graça como facilitadora nesse processo de leitura da realidade humana. Boff (2003,9) afirma que “graça é o Deus que suave e fortemente se faz sensível na vida das pessoas e interfere no curso do mundo, dando-lhe um rumo surpreendente” e ainda faz uma comparação entre a graça em um trem: A graça de Deus – a presença, a misericórdia, a bondade e o amor de Deus -- é assim como um trem. O destino da viagem é Deus. O caminho é também Deus, porque o caminho não é outra coisa que o destino se realizando metro a metro. O caminho só existe por causa do destino a ser alcançado. [...] A graça carrega

a todos. Dá-se a todos como chance de boa e excelente viagem. (Ibid. 11)

Penso ser imprescindível aos que lidam com questões como a psicossomática, que professam ser cristã, a compreensão correta do que vem a ser graça. Agostinho (1998,107) afirma que "*Gratia gratis data, une et gratia nomiatur*" (a graça é dada de graça, pelo que esse nome lhe dado). Numa sociedade pragmática, construída a partir de relações meritórias e compensatórias, a graça é sempre um renovo, é um gesto de amor. São Francisco de Sales (1958,101-2), numa versão portuguesa que reproduz o texto *princeps* de 1616 do Tratado do Amor de Deus, em que descreve o "jeito" da graça divina:

A graça é tão fagueira e prende tão afavelmente os nossos corações para os atrair, que em coisa alguma prejudica a liberdade da vontade; apenas estimula poderosa, mas tão delicadamente as energias do espírito, que o livre arbítrio não recebe com isso, violência alguma. A graça dispõe de forças, não para obrigar, mas para cativar o coração; dispõe duma santa violência, não para violentar, mas para apaixonar a liberdade; procede fortemente, mas com tanta suavidade, que a vontade não se sente esmagada sob uma tão poderosa acção; incita-nos, mas não nos oprime a liberdade, porque nós podemos pelas nossas forças consentir ou resistir aos seus movimentos, se assim nos apraz. [...] Eis como é carinhosa a mão de Deus no manéio do nosso coração, e hábil em nos comunicar a sua força, sem nos sequestrar a liberdade,

dando-nos o impulso do seu poder sem impedir o nosso querer e harmonizando o seu querer com sua suavidade. "*Se tu conhecesses o dom de Deus, disse o Salvador à samaritana e quem é aquela que te diz: dá-me de beber, tu mesma lha pedirias e ele te daria a ti da água viva*". (Jo 4.10)

A graça auxilia no enfrentamento dos sentimentos. Especialmente naqueles que a dor é marcada pelo silêncio, frequentemente esperam rejeição e condenação por parte dos outros. Chegam para o aconselhamento/cuidado numa atitude de autodefesa ou autoacusação. O processo terapêutico de desnudar o Eu não é fácil, o que torna compreensível o caramujamento – tornar-se semelhante a um caramujo. A graça auxilia nesse enfrentamento. Começar a olhar a vida através das lentes da graça ajuda a perceber e compreender a vida diferente. A graça é libertadora.

Concluo, recorrendo a Collins (2004,48-2) sobre alguns princípios de aconselhamento: 1. Dar atenção – isso deve ser evidenciado pelo conselheiro através do contato visual, postura e gestos; 2. Ouvir – ouvir não apenas o que está sendo dito, mas perceber o que está sendo omitido; 3. Responder – quando o conselheiro pode suavemente conduzir a conversa, comentar, perguntar, confrontar, informar, interpretar, apoiar e encorajar o aconselhando; 4. Ensinar – o conselheiro é um educador; 5. Filtrar – o que de fato é verdadeiro?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saúde também é uma questão emocional e espiritual, não apenas física. Numa sociedade tão fragmentada, de relacionamentos marcados pela impermanência, com um apelo tão forte à intolerância, numa ascensão do processo de desigualdade, com ênfase em tantas especializações, encontrar ‘clínicos gerais’ que invistam tempo e conhecimento para olhar o todo, tem sido um desafio. Insistimos na dicotomia do corpo e da alma, como se alma que habita o corpo não tivesse qualquer envolvimento com ele. Mas o corpo adoce. Qual o efeito da doença sobre o corpo, sobre a alma? A doença chega para alterar o *status quo*; coloca o mundo da existência humana numa situação de parcial ou de total insegurança. À doença impõe limites; evoca questionamentos existências; faz emergir crises e em muitos casos, desastrosas crises; faz eclodir sentimentos relacionados à finitude - *memento mori* (lembre-se que terá de morrer) e por conta da morte, coloca o homem diante da possibilidade do infinito. Também é necessário considerar, que as doenças psicossomáticas são mais complexas e com diagnósticos mais difíceis, des-

pertando no paciente um sentimento de culpa ou de responsabilidade pela doença.

Entretanto, quando os padrões da normalidade são rompidos e vida se torna questionável, há uma maior probabilidade de aflorar o sentimento religioso – fenômeno religioso e a prática da espiritualidade. Pesquisas acadêmicas têm evidenciado a importância da espiritualidade e a sua relação com a saúde. O sofrimento do corpo e da alma tem encontrado na experiência religiosa uma re-significação para a vida. Nesse aspecto, compreendo a importância da teologia como prática de vida e como abalizadora de uma espiritualidade sadia.

Reafirmo, nas considerações finais desse artigo, que a graça é o elemento fundante no processo de aconselhamento/cuidado nos casos caracterizados pela psicossomática. A graça é auxiliadora no processo de compreensão da enfermidade e suas consequências, perdoadora e libertadora nas experiências marcadas pela presença da culpa.

REFERÊNCIAS

Agostinho, Santo. Bispo de Hipona 354-430. *A Graça (I)*. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística; 12)

Andrade, Carlos Drummond de. *O Corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Angerami- Camon, Valdemar Augusto. *Sobre a dor*. In: Angerami – Camon, Valdemar Augusto (Org.). *Psicossomática e a psicologia da dor*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2012.

Barchifontaine, Christian de Paul de. *Espi-*

ritualidade nas empresas. 2007. Disponível em: docplayer.com.br/9121747-espiritualidade-nas-empresas.html. Acesso em: 3/jan./2017

Bauman, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Tempos Líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Bíblia Sagrada. *Versão Revisada da Tradução João Ferreira de Almeida*. 4. Impressão. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

Blumenfield, Michael e Tiamson-Kassab. *Medicina Psicossomática*. Trad. Alba Helena de Matos Mercadante Guedes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Boff, Leonardo. *Graça e a experiência humana: a graça libertadora no mundo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Brito, Neilson Xavier de. *Pastoral da Culpa: Cuidando dos Cativos da Culpa*. In: Souza, Edilson Soares de. e Ruppenthal Neto, Willibaldo (Orgs.) *Cuidando de vidas: pesquisas nas áreas de teoria e prática do cuidado pastoral*. Curitiba: FABA-PAR, 2015.

Coelho, Marilda de Oliveira. *A dor da perda da saúde*. In: Angerami – Camon, Valdemar Augusto (Org.). *Psicossomática e a psicologia da dor*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2012.

Collins, Gary R. *Aconselhamento Cristão: Edição século 21*. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. Reimpressão 2009. São Paulo: Vida Nova, 2004.

Dalgalarrondo, Paulo. *Religião. Psicopatologia e Saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

De Masi, Domenico. *O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada*. Trad. Marcelo Costa Sievers. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

Dorsch, Friedrich et al. *Dicionário de Psicologia*. Trad. Emanuel Carneiro Leão e equipe. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Dumas, Marc. *Apresentação*. In: Dumas, Marc (Org.) *A psicossomática: quando o corpo fala ao espírito*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

Fernet, René. *A psicossomática segundo a abordagem da antropologia espiritual*. In: Dumas, Marc (Org.) *A psicossomática: quando o corpo fala ao espírito*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

Ferreira, Franklin e Myatt, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

Freud, Sigmund. *O ego e o id*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- _____. *O mal-estar na Civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Cia. Das Letras, 2011.
- Friesen, Albert. *Cuidando do Ser*. 3.ed. Curitiba: Esperança, 2012.
- Garros, Gerson e Rodrigues, Rafael Souza. *Culpa e doença: uma reflexão a partir da capelania hospitalar*. In: Wondracek, Karin et al. (Orgs) *Um olhar nos espelhos da culpa*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2014.
- Grün, Anselm e Meinrad Dufner. *A saúde como tarefa espiritual*. Trad. Gabriela Freudenreich. Petrópolis: Vozes, 2008.
- Guillory, William A. *A empresa viva: espiritualidade no local de trabalho*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- Higuet, Ettiënne A. *A teologia em programas de Ciências da Religião*. Revista eletrônica *Correlatio* n.9 – maio de 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/> Acesso em: 19/jan/2017
- Houaiss, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- Jung, C.G. *Psicologia e Religião 11/1*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. *Espiritualidade e Transcendência*. Seleção e edição de Brigitte Dorst. Trad. Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2015.
- Kellner, Douglas. *A cultura da Mídia: estudos culturais*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSC, 2001.
- Kivitz, Ed. Rene. *A Teologia prática; modernidade e urbanidade*. In: Geovaldo Jacinto da Silva (Org.) *Itinerário para uma pastoral urbana*. 2.ed. São Bernardo: UMESP, 2012.
- Lavoie, Louis-Charles. *A doença psicossomática – observação clínica*. In: Dumas, Marc (Org.) *A psicossomática: quando o corpo fala ao espírito*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.
- Lobato, Oly. *O problema da dor*. In: Mello Filho, Júlio de. e Burd, Mirian. *Psicossomática hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Lotufo Neto, et al. *Influências da religião sobre a saúde mental*. Santo André: ESE-Tec, 2009.
- McGrath, Alister E. *Teologia: sistemática, histórica e filosófica*. Trad. Marisa. K.A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- Miller, Ed L e Grenz, Stanley J. *Teologias contemporâneas*. Trad. Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- Morin, Marie-Line. *Psicossomática e espiritualidade*. In: Dumas, Marc (Org.) *A psicossomática: quando o corpo fala ao espírito*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004.

- Munguba, Amauri. *Fé e saúde emocional*. Salvador: Raízes, 2012.
- Oliveira, Alkindar de. *Espiritualidade na empresa*. São Paulo: Butterfly, 2001.
- Rocco, Rodolpho Paulo. *Relação estudante de medicina-paciente*. In: Mello Filho, Júlio de e Burd, Mirian. *Psicossomática hoje*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Roos, Jonas. *Religião*. In: Bortolletto Filho, Fernando et al. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- Sales, S. Francisco de. *Tratado do Amor de Deus*. Trad. Religiosas da Visitação D'ANNECY. Ver. Pe. Augusto Durão Alves. Porto: Livraria do apostolado da Imprensa, 1958
- Santini, Maurício. *Inimigos ocultos- Um verdadeiro poema às doenças*. Disponível em: <http://vidassimplesenatural.blogspotcom/2012/08/poema-da-psicossomatica.html>. Acesso: 11/jan./2017
- Sathler-Rosa, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança*. São Paulo: ASTE, 2010.
- Sinner, Rudolf von. *Teologia Pública no Brasil: um primeiro balanço*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 44, Número 122, p.11-28, Jan/Abr 2012. Disponível em: www.academia.edu/3886887/teologia_publica_um_primeiro. Acesso em nov/2015
- Schneider-Harpprecht, Christoph. *Aconselhamento pastoral*. In: Schneider-Harpprecht, Christoph (Org.) *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Paulo: ASTE/Sinodal, 1998.
- Grenz, Stanley J. *Pós-modernismo: uma guia para entender a filosofia de nosso tempo*. Trad. Antivan Guimarães Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- Suassuna, Ariano. *Iniciação à estética*. Recife: UFPE Editora Universitária, 1975.
- Reblin, Iuri Andréas. *Teologia do Cotidiano*. 2008. Disponível em: www.academia.edu/7100673?teologia_arte_e_cultura_os_caminhos Acesso: nov/2015
- Teixeira, Faustino. *A Teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v, I.n.I.p.45-48 ,1998. Disponível em: numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/897/779 Acesso em: 20/jan./2017
- Teixeira, Faustino, *Teologias das religiões*. In: Bortolletto Filho, Fernando et al. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008.
- Vázquez, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- Yancey, Philip. *A maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda Krievin. 2. ed. São Paulo: Vida, 2007.